

COLÔNIA

MUITO ALÉM DA CATEDRAL

A quarta maior cidade da Alemanha se orgulha de abrigar a atração turística mais visitada do país, a imponente igreja neogótica na margem do Reno. Para os amantes de arquitetura, este é só o começo

POR MARIANNE WENZEL
IMAGENS CAIO VILELA

Colado à catedral, o Museu Ludwig – projeto do escritório alemão Busmann+Haberer – foi inaugurado em 1976 para abrigar uma das maiores coleções particulares da Europa



Quem visita Colônia pode contar com duas certezas. Tomará a cerveja clara, suave e refrescante conhecida como Kölsch e terá como ponto de partida para qualquer passeio o Dom – a catedral que, entre idas e vindas, levou 638 anos para ficar pronta. Inaugurada em 1880, tornou-se símbolo do estado-nação recém-unificado pelo primeiro-ministro prussiano Otto von Bismarck, e de certa forma segue representando o país no imaginário coletivo: visitada por cerca de 6 milhões de pessoas anualmente, é a maior atração turística da Alemanha.

O Dom coleciona superlativos além do tempo de obra e da popularidade. Um dos mais impressionantes são seus vitrais, cuja área soma 10 mil metros quadrados. Uma prova de que Colônia não pretende parar no tempo nem viver de glórias passadas é seu vitral mais recente, concluído em 2007 pelo cultuado artista alemão Gerhard Richter: uma composição abstrata, mosaico das 72 cores mais presentes nos demais. Um sopro de contemporaneidade na histórica catedral, mostrado com orgulho pelos profissionais que conduzem as visitas guiadas.



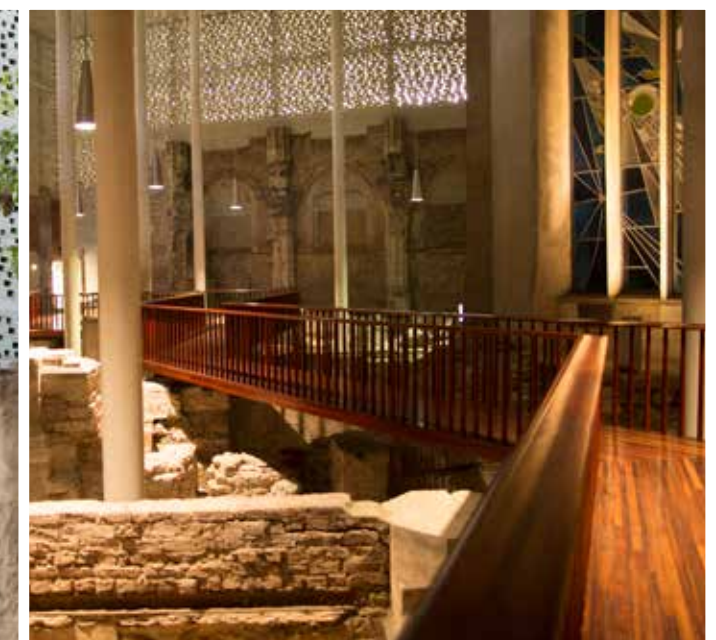
Detalhes da catedral Dom e
(abaixo) Museu Kolumba



Colônia sempre soube se reinventar, especialmente em dois momentos: depois da Segunda Guerra Mundial, quando se pôs a reconstruir os 95% da cidade reduzidos a escombros, e na virada para o século 21, época de grandes projetos e revitalizações urbanas às margens do Reno. A primeira fase colecionou obras marcantes da arquitetura alemã dos anos 50, como a Capela Kolumba, de Gottfried Böhm, erguida em meio às ruínas da antiga igreja românica Sankt Kolumba, mantidas a céu aberto. Da segunda, no mesmo local, consta um dos mais belos projetos já realizados pelo

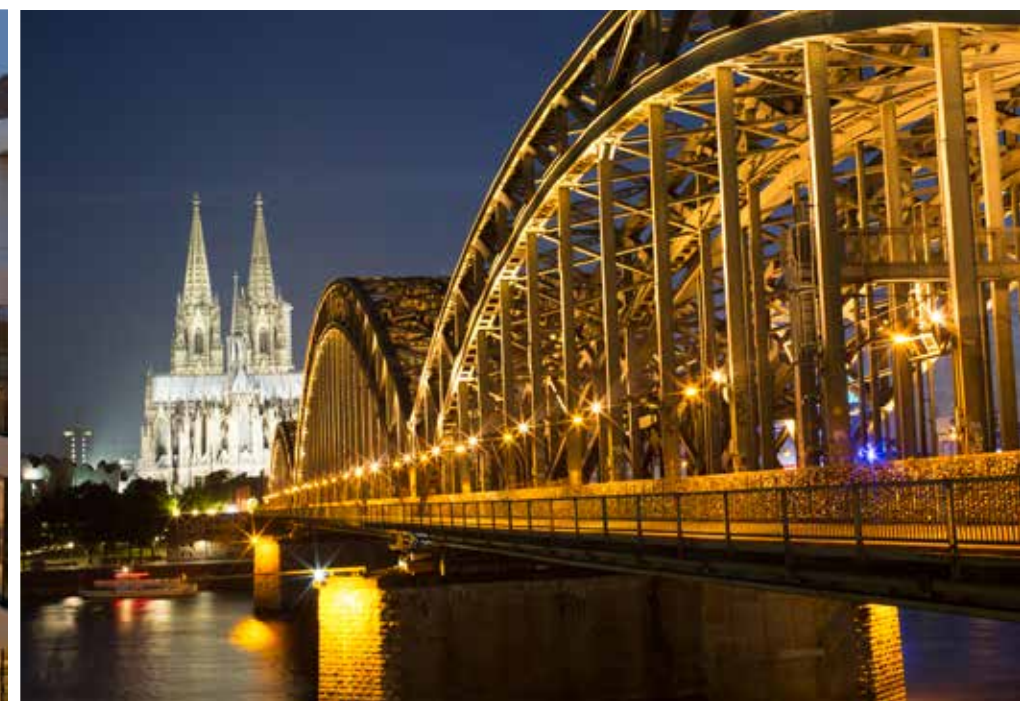
premiado arquiteto suíço Peter Zumthor, uma intervenção a um só tempo sóbria e delicada que toma as paredes remanescentes de Sankt Kolumba como base para conformar a construção contemporânea usada para proteger as antigas ruínas e guardar a coleção de arte do Arcebispo de Colônia. Na visita ao térreo do museu, é possível identificar esses três momentos históricos: as ruínas românicas, a capela dos anos 50 e a intervenção mais recente. Os efeitos provocados pela entrada de luz natural através dos orifícios ritmados na parede de concreto são um deleite à parte.

Praticamente arrasada na Segunda Guerra, hoje a cidade se deixa tomar pela arquitetura contemporânea



Em 2009, um ano depois de terminada a obra de Zumthor, a cidade finalizava seu mais novo bairro, Rheinauhafen, antigo porto urbano convertido em zona mista de prédios residenciais e comerciais, com lojas, restaurantes e espaços públicos de lazer ao longo da margem do Reno (na esteira do que Buenos Aires já havia feito anos antes com Puerto Madero). Ícone dessa região é o trio de prédios conhecido como Kranhäuser, ou casas-guindaste, alusão ao formato que lembra o de guias portuárias. Além dos prédios novos, muitos edifícios antigos foram saneados, como o armazém de cereais hoje conhecido como Silo 23, cujo térreo é ocupado pelo restaurante austríaco Joseph's, comandado pelo chef Sascha Kossmann (ex-El Bulli, de Ferran Adrià). Na parte de trás – ou da frente, dependendo do ponto de vista –, o restaurante se abre para um terraço às margens do rio.

O trio de prédios conhecido como casas-guindaste convive com velhos armazéns recuperados no bairro Rheinauhafen



Caminhar por ali em direção ao centro, mesmo em dias úteis, dá a dimensão de como a população aproveita esse parque linear. De bicicleta, de patins, de skate, correndo com o cachorro... no caminho, bancos de madeira oferecem descanso ou se colocam como alternativa para quem gosta de malhar. Por meio de QR codes, é possível acessar séries de exercícios que usam o mobiliário urbano como acessório. Os que andarem até a ponte de pedestres Hohenzollernbrücke (a mesma que aparece sempre na clássica foto de cartão-postal de Colônia, com as duas torres do Dom ao

fundo) podem cruzar o rio e conhecer a margem oposta, onde outra promenade oferece lindos panoramas da cidade velha e de Rheinauhafen. No caminho,

milhares de cadeados presos à estrutura da ponte simbolizam o amor de quem já passou por ali. Pode ter certeza, você também vai se apaixonar. ■



Playground de fontes concebido nos anos 1980 pelo escultor escocês Eduardo Paolozzi para a margem do Reno e (acima) a Hohenzollernbrücke iluminada à noite, um clássico cartão-postal da cidade

QUANDO IR

abril a outubro e dezembro

ESSENCIAL

Fundada pelos romanos, Colônia (Köln) é uma das cidades mais antigas da Alemanha. Construída às margens do Rio Reno, ela é um verdadeiro retorno ao passado, impecavelmente conservada e dona de importante centro cultural que reúne 13 igrejas românticas, das quais a principal é a Catedral de Colônia. Colônia é um exemplo de que é possível renascer das cinzas. Completamente destruída ao fim da Segunda Guerra Mundial, é hoje uma moderna metrópole cercada por históricos castelos medievais, vinhedos e pitorescas vilas germânicas.

ONDE FICAR

Excelsior Hotel Ernst

Localizado em frente à Catedral de Colônia, o Excelsior Hotel Ernst é o mais conhecido e sofisticado hotel da região, um marco da cidade desde sua inauguração, em 1863. O tradicional e o contemporâneo misturam-se em seus quartos e suítes, cada qual com decoração única. Na gastronomia, o restaurante Hanse Stube tem cardápio focado na culinária francesa com influências internacionais e o Taku apresenta as tendências e os pratos típicos da Ásia.



A Kennedy-Ufer, promenade na margem oposta à da cidade velha de Colônia, proporciona belos panoramas

teresa perez indica

THE COVE ATLANTIS

Paradise Island, Bahamas



A Paradise Island é o epicentro do entretenimento das Bahamas. E por lá as belezas naturais também brilham, com belíssimas praias. Cercado pelos tons de azul do Oceano Atlântico, o **The Cove** tem projeto assinado pelo arquiteto Jeffrey Beers e apresenta um elegante e contemporâneo design com suítes e 20 cabanas particulares, que permitem aos hóspedes uma vista paradisíaca da Paradise Beach de dentro das próprias acomodações. Parte integrante do resort Atlantis, o hotel tem acesso a praias exclusivas para os hóspedes, serviços de concierge, bares, restaurantes de culinária internacional, spa, cassino e campos de golfe, além de serviços especiais para casais em lua de mel.

ECO & ENOTURISMO NO CÁUCASO

Cristas nevadas do Cáucaso, praias no Mar Negro, tradições musicais milenares, gente doce e hospitaleira, cultura nada ocidentalizada e, para completar, vinhos variados e a cozinha mais inspirada de toda a ex-União Soviética. Um pouco do país que celebra 100 anos de independência

TEXTO E IMAGENS POR CAIO VILELA

“Visita de estrangeiros é motivo de festa” – brada Vakho, cantor e dono de pousada em Mestia, meu ponto de partida para adentrar um vale abrupto rumo ao povoado de Ushguli, um dos mais altos da Europa. Estou no coração de Svaneti, um conjunto de vales no Oeste do Cáucaso, seguramente entre os rincões mais remotos do continente. Vakho conversa em russo com a maioria dos hóspedes, arranha um inglês comigo, usa o idioma georgiano nas ruas e fala no dialeto svan com sua mulher e filhas. Em duas horas de carro, ele me conduz ao vilarejo a 2,1 mil metros de altitude, colado à fronteira russa. A primeira impressão é de estar em

um cenário de filme de época. Inacessível por quatro meses no inverno, devido à neve na estrada, Ushguli tem poucas pessoas nas ruas, casas abandonadas e um silêncio quebrado apenas pelo barulho do Rio Enguri. Como pano de fundo, as geleiras do pico de Shkhara, ponto mais alto do território georgiano, com 5.193 metros, contrastam com o verde intenso do verão.

Não espere encontrar lojinhas, restaurantes ou entretenimento. A poesia de Ushguli é sutil no grau de isolamento, no aroma dos campos floridos, no sorriso dos locais e nos detalhes da arquitetura milenar.



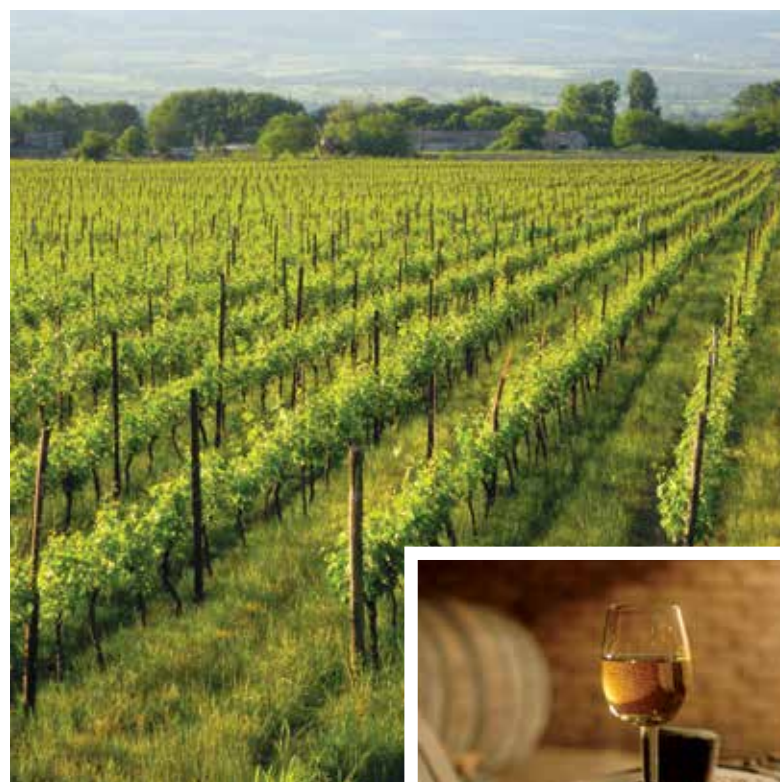
Sob a sombra do Monte Shkara, as torres de pedra de Ushguli criam um clima de mistério na viagem

Mesmo nos anos 1930, Ushguli era considerado um vestígio místico da história antiga. Nessa década, foi tema de um dos primeiros filmes etnográficos do mundo: *Salt for Svanetia*, que retrata vidas cotidianas (disponível no YouTube).

Caminhando pelas ruas vazias, sinto-me intimidado pela arquitetura pesada das torres-vigia. Um pequeno museu etnográfico fornece detalhes da história com textos em inglês: aparentemente idênticos entre si, tais pilares de pedra – alguns com 12 séculos de idade – protegiam os habitantes de ataques inimigos. Apesar da aparência de abandono, uma população da etnia svan habita continuamente o vilarejo, declarado Patrimônio da Humanidade pela Unesco.



Garota de família de artistas da etnia svan em traje típico



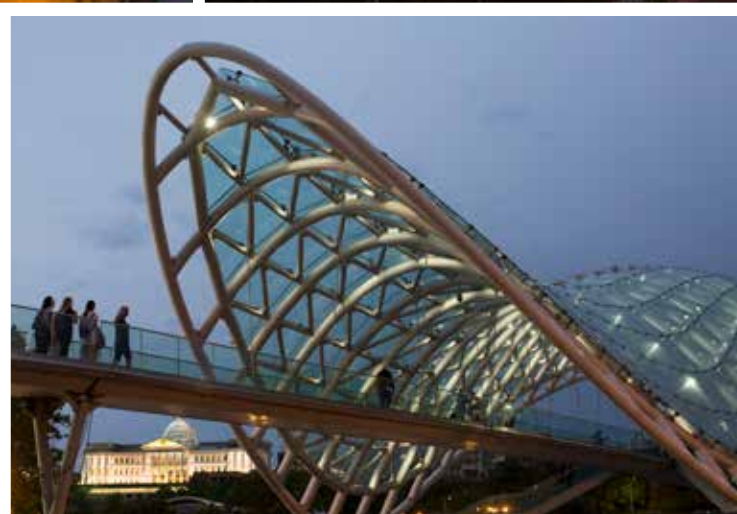
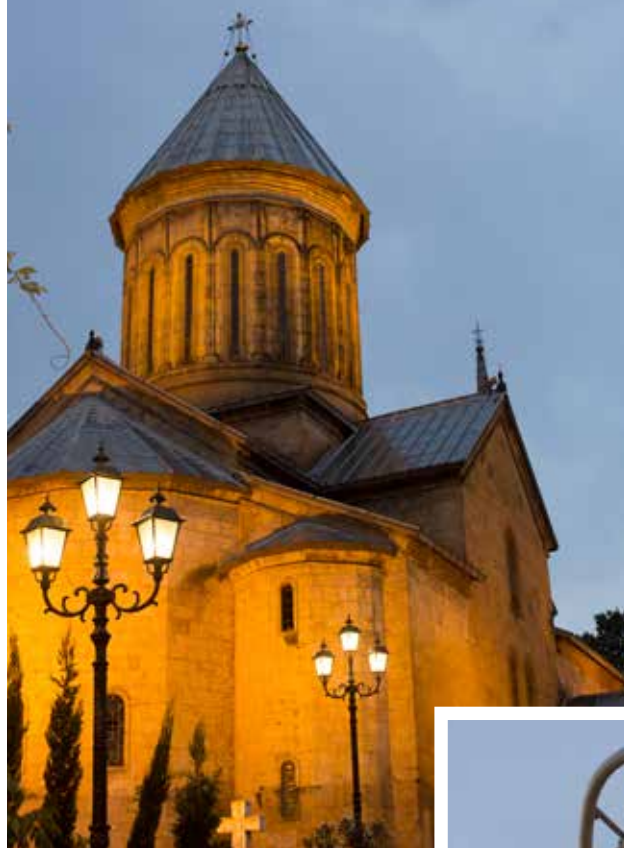
Em sentido horário, a partir da esquerda: vinícola em Kakheti, vida noturna em Tbilisi, o tradicional Kachapuri e wine bar com variedades regionais não encontradas fora da Geórgia

O isolamento de Svaneti fica para trás e a viagem segue rumo à capital, Tbilisi. No caminho, uma parada em Gori permite conhecer um museu único no mundo: dedicado à vida de Stalin, seu filho controversamente ilustre, seguramente o georgiano mais famoso da história.

Diz a lenda que Stalin tinha um amor genuíno pela bebida e promovia festas com consumo volumoso, onde convidados eram intimados a beber, gostassem ou não. Hoje, as marcas de seu vinho tinto doce favorito – dois vermouths semidoces: Khvanchkara e Kindzmarauli – vendem bem graças ao marketing involuntário, e na lojinha do museu não é diferente.

A chegada à Tbilisi me faz lamentar ter apenas três dias para conhecer

a cidade. Sob a sombra de uma fortaleza murada, caminho pelo Centro Histórico entre inúmeros restaurantes, museus, lojas de artesanato e, claro, adegas de vinho. Tudo identificado com letreiros escritos num curioso alfabeto, criado há mais de 1,5 mil anos pelo rei Pharnavaz de Kartli para a tradução dos textos religiosos que introduziram o cristianismo na Europa. Na esplanada à beira-rio, um centro cultural de arquitetura moderna e orgânica contrasta com as cúpulas cônicas das igrejas ortodoxas. Restaurantes servem o tradicional Kachapuri, losango de pão com queijo e ovo, e o Khinkhali, trouxinhas de massa recheada, além de outros pratos locais no melhor estilo *comfort food*.



Em sentido horário, a partir da esquerda: igreja cristã ortodoxa no Centro Histórico de Tbilisi; vista noturna de Tbilisi a partir da fortaleza no topo da colina; construída com aço e iluminada à noite, a Ponte da Paz liga o Centro Histórico de Tbilisi ao boulevard à beira do Rio Mtkvari

A Geórgia é orgulhosa de sua criativa gastronomia e tradição vinícola, e junto delas vem a famosa reputação de saber festejar. Presente na cultura local – e na religião –, o vinho faz parte do cotidiano georgiano desde antes de Cristo. Contam os mais velhos que até os anos 1970 era comum testemunhar oficiais de imigração dos aeroportos internacionais apresentando visitantes estrangeiros com uma garrafa na chegada.

Em duas horas de carro a Leste de Tbilisi chego à província vinicultora de Kakheti, onde cavas e restaurantes espalhados entre as parreiras acolhem os visitantes. A Geórgia afirma ser o berço da vinicultura no mundo,

graças aos achados arqueológicos que evidenciam sua produção há 8 mil anos, em duas aldeias neolíticas ao Sul de Tbilisi. Armazenados no subsolo, grandes vasos de argila possibilitavam que o vinho envelhecesse na temperatura adequada.

Os mais antigos desses recipientes, hoje expostos em museus, trazem desenhos de uvas e homens dançando, provas persuasivas de seu propósito. Hoje, produtores locais correm atrás da modernização para competir com o mercado internacional.

Não distantes da capital, outros lugares curiosos atraem pela autenticidade: a cidade-caverna de Vardzia, construída há quase mil anos; a Caverna de Prometeu, que teria abrigado uma das figuras mais notáveis da mitologia grega; e o Pilar de Katskhi, um penhasco vertical com um mosteiro no topo – semelhante a Meteora, na Grécia. Esses pontos rendem interessantes passeios de um dia.

Dez dias se passam como se fossem 15 minutos e deixo o país planejando voltar. As saudades de meu anfitrião Vakho (hoje meu amigo nas redes sociais) e a enorme lista de lugares não visitados deixam um sabor tão gostoso quanto o dos vinhos e pratos degustados. ■

QUANDO IR

abril a outubro

ESSENCIAL

Na região conhecida como Grande Cáucaso, a Geórgia revela um incomparável patrimônio histórico e cultural. O país ainda pouco explorado guarda fascinantes paisagens, que abrangem de conjuntos arquitetônicos à beleza natural das montanhas e dos verdejantes vales repletos de vinhas. A capital, Tbilisi, que já foi destruída e reconstruída diversas vezes desde o século 5, ainda mantém intacta parte de sua antiguidade, com ruas estreitas, becos, casarões e belas igrejas. Kazbegi e Signagi, que exibem casas, igrejas e ruas bem preservadas, são outros lugares essenciais para conhecer e entender a Geórgia.

ONDE FICAR

Rooms Hotel Tbilisi

Tbilisi

O Rooms Hotel lidera o movimento contemporâneo local de unir a tradição georgiana ao contemporâneo. Localizado no bairro intelectual de Vera, o Tbilisi incorpora inteligentemente a história do edifício, além de homenagear seu passado cultural com muitos eventos de arte e música. Sofisticado em todos os detalhes, o hotel tem 125 quartos e suítes, combinando influências de design da Nova York dos anos 1930 com o charme das tradições da Geórgia.

Rooms Hotel Kazbegi

Kazbegi

Inteiramente renovado, o Rooms Hotel de Kazbegi tem como cenário as montanhas do Cáucaso e foi projetado como um autêntico refúgio alpino. As inspirações do projeto combinaram o legado histórico da região com o design contemporâneo nos quartos, suítes, restaurantes e ambientes internos. Destaque para os passeios oferecidos aos hóspedes, como voos panorâmicos de helicóptero – perfeitos para explorar Kazbegi e seus arredores.